



Metassínteses Qualitativas e Revisões Integrativas

O corpo como um objeto de construção humana

The Body How Object of Human Construction

Grasiely Facchin Borges¹

Greicibely Facchin Borges²

¹ Professora Assistente, Universidade Federal do Amazonas.

² Professora Assistente, Curso de Psicologia da Faculdade

RESUMO - De forma geral nossas concepções atuais do corpo, estão relacionadas ao surgimento do modo de subjetivação individualista, enquanto forma de estruturação social, à emergência de um pensamento racional positivo sobre a natureza, principalmente a partir do Século XVII; e, finalmente, ligadas à história da Medicina, que encarna nas sociedades ocidentais um saber oficial sobre o corpo. O objetivo desse trabalho consistiu em uma reflexão sobre o corpo e assinalar algumas formas que esse corpo vem sendo projetado, e como a identidade individual pode passar pela forma que o corpo figura, a forma como se projeta na sociedade, na forma enquanto se reconhece, e a partir dessa caracterização apontar algumas conseqüências disto. Para a escrita deste trabalho foram utilizadas buscas na base de dados PubMed e Scielo, além de buscas na Biblioteca setorial da Universidade de Coimbra e outras. A partir a leitura e fichamento desse material foram definidos três sub-itens para reflexão: 1. O distanciamento do sujeito, o corpo como matéria prima; 2. O corpo no modelo biomédico: a destituição do subjetivo; 3. Consideramos que o corpo parece circunscrever um espaço próprio, tanto no corte instrumentalista médico ou nas artes. Podendo ter análises combinatórias de elementos que são intercambiáveis e que agenciam à imagem do corpo. O corpo que se “fabrica” passando pela termodinâmica até a cibernética do século XX.

Palavras chave: Corpo Humano, Individualidade, conhecimento, História da Medicina, Medicina na Arte.

ABSTRACT - Generally our perceptions of the body are related to the emergence of the individualistic mode of subjectivity, as a form of social structure, the emergence of a positive rational thought about nature, especially from the seventeenth century, and, finally, connected the history of medicine, which embodies in western societies an official know about the body. From this context, the objective of this research is to propose a reflection on the body and point out some ways that this body has been designed, the way how individual identity can pass by the way the body figure, how is projected in society, while recognizing the form, and from that point out some consequences of this characterization. This work was produced with searches in PubMed and Scielo, and in the Library Sector, University of Coimbra. For writing text defined three sub-items for consideration: 1. The distancing of the subject, the body as raw material 2. The body of the biomedical model: a subjective ousting of 3. Thus the body appears to limit its own space, both in court instrumentalist doctor or the arts. Combinatorial analysis may have elements that are interchangeable and that promote the image of the body. The body that "manufactures" by going to thermodynamics to cyber century.

Keywords: Human Body, Individuality, Knowledge, History of Medicine, Medicine in Art.

1. INTRODUÇÃO

Na sociedade ocidental o corpo nunca esteve tão evidenciado como nos dias de hoje, presente nos saberes que o constituem nos rituais, e também nos gestos de sua afirmação. Durante o longo da história o corpo foi escrito de muitas maneiras, de forma prática ou teórica, novos espaços se abriram, tornando importante saber de que forma esse corpo é “metamorfoseado em idéia, texto, representação, imagem desmaterializada de tudo o que efectivamente o constitui e que nesse se afirma como arte, liberdade e como desejo”¹.

De um modo bem geral nossas concepções atuais do corpo, estão relacionadas ao surgimento do modo de subjetivação individualista, enquanto forma de estruturação social, à emergência de um pensamento racional positivo sobre a natureza, principalmente a

partir do Século XVII; e, finalmente, ligadas à história da Medicina, que encarna nas sociedades ocidentais um saber oficial sobre o corpo. A conjugação de todos esses elementos permite uma visão panorâmica do estatuto atual do corpo, em nossas sociedades ocidentais contemporâneas^{2 3 4 5}.

Observa-se que o isolamento do sujeito, sua individualização, começa a ocorrer no próprio caminho

Autor correspondente

Grasiely Facchin Borges

Instituto de Saúde e Biotecnologia

Universidade Federal do Amazonas

Estrada Coari/Mamiá, 305

Coari (AM) - CEP: 69460 – 000

Fone: (97) 3561.2363

E-mail: grasiely.borges@gmail.com

Artigo encaminhado 13/12/2010

Aceito para publicação em 01/04/2011

da modernidade, o homem tal como conhecemos hoje. O homem retira-se da enunciação celeste de Deus e dos signos divinos para ser figura autônoma, dono de si próprio, construtor do próprio mundo, da natureza. Nessa configuração histórica é exatamente esse mundo que se tornaria o lugar por excelência do homem^{2,6}. O corpo individual que se tornou a unidade básica da sociedade abriu espaço para a gestão do bem-estar dos indivíduos isoladamente⁶.

A partir desse contexto, o objetivo desse trabalho consistiu em propor uma reflexão sobre o corpo e assinalar alguns modos em que ele vem sendo projetado, ou seja, a maneira como o corpo figura, como se projeta na sociedade, na forma enquanto se reconhece, e a partir dessa caracterização apontar algumas conseqüências disto.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Para a escrita deste artigo foi utilizado uma busca pessoal pela biblioteca setorial da Universidade de Coimbra e outras, além das pesquisas nas bases de dados Scielo e PubMED. Para o levantamento bibliográfico foram utilizados os seguintes descritores de forma conjunta: *body human* e *Merleau-Ponty* na língua inglesa, e seus respectivos termos na língua francesa e portuguesa. Na base de dados PubMed foram encontrados 29 estudos e na base de dados de Scielo foram encontrados 24 estudos. Os textos escolhidos, por meio do resumo, foram lidos e fichados e neles identificados temas norteadores para a construção da reflexão: 1. O distanciamento do sujeito, o corpo como matéria prima; 2. O corpo no modelo biomédico: a destituição do subjetivo; 3. A expressão artística no corpo: expressão social do individualismo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 O distanciamento do sujeito, o corpo como matéria prima

Lugar de necessária encarnação do sujeito, o corpo tende a tornar-se uma matéria- prima a modelar consoante o clima do momento. Assim Le Breton⁷ entende que para numerosos contemporâneos o corpo seria um acessório da presença, um lugar de encenação, mas especificamente, investido de ser substituído por si próprio. O desejo de transformar seu corpo tornou-se um lugar comum.

O distanciamento da subjetividade, a demarcação desse corpo objeto, tanto nas ciências quanto nas artes é visto na própria forma de construção humana, a qual se demarca o corpo como corpo-sujeito-objeto

como afirma Le Breton⁸ "...acessório da presença, uma matéria-prima a modelar, a redefinir, a submeter ao design do momento [...] um gadget, um lugar ideal de encenação de 'efeitos especiais'" (p.28). Ao se perder o valor intrínseco de um objeto de consumo, este se torna um gadget, um emblema da sociedade pós-industrial⁹. É importante contextualizar que esse modelo foi influenciado pelo modelo biomédico e a forma como esse corpo passou a ser distanciado da sua relação com o subjetivo.

No âmbito da mutação histórica transforma-se toda a estrutura da sociedade que Certeau⁶ e Le Breton² sugerem situar o corpo. Nesse contexto, é importante destacar algumas características historicamente predominantes associadas ao discurso científico e médico sobre o corpo, procurando construir uma visão geral sobre as principais representações formadas. O modo como o corpo surge transcrito em uma linguagem está relacionado com o interesse de colocá-lo sob a lei de uma escritura: definindo-o, circunscrevendo-o e articulando-o mediante aquilo que se escreve. Segundo o autor, a lei inscreve-se sempre sobre o corpo, e a razão, o *Logos* de uma sociedade, faz-se carne graças ao corpo, encarna-se graças a ele⁶.

Para compreendermos a relação existente entre corpo e individualidade pessoal, é necessário refletir que essa relação não é mais configurada e sustentada numa enunciação vinda de Deus, mas construída pelo homem através de sua razão, então a impressão, ou encarnação da lei sobre o corpo, dá inteligibilidade ao sujeito, tornando-o reconhecível numa linguagem/signo social¹⁰.

Para refletir sobre essa relação entre os parâmetros que norteiam e reconhecem o corpo, é relevante observar se essa lei é dissociada do corpo vivido e constituído numa separação epistemológica entre sujeito e objeto ou entre o corpo vivido e corpo científico que pode ser visualizado em diferentes discursos como o jurídico, social ou científico, por exemplo, que são discursos do outro, em um discurso articulado e constituído. Deste modo, a inscrição do corpo pode ser visto pelo símbolo do outro como a própria arte do corpo, uma expressão de individualismo que projeta socialmente como forma de destituição desse outro². Assim, a reflexão a seguir norteou-se nos seguintes aspectos: o corpo no modelo biomédico e a forma como ocorre à destituição do sujeito; e o corpo como expressão artística que em alguns momentos também surge como forma de destituir o sujeito, mas que de certa forma também é usada como um meio de individualizar o sujeito na sociedade.

3.2 O corpo no modelo biomédico: a destituição do subjetivo

De acordo com Fontes¹¹ *corpus*, em latim, designava um corpo em oposição à alma, dando a origem ao sentido de cadáver, defunto. Assim, *corpus* se referia a objetos materiais, isto é, visíveis e inanimados. O Corpo era entendido como aquele que ocupa uma extensão e caracterizar-se-ia como inerte. Contudo, podemos compreender que a história semântica da palavra indicava a “matéria” e, nas palavras da autora, o corpo sem “o sopro espiritual da alma” seria entendido como um peso inerte. O sentido de corpo é marcado pela oposição à alma.

Quanto à medicina tradicional e a representação do corpo, Porter e Vigarello¹² (2008) afirmam que o modelo humoral dominou durante dois mil anos, e foram descritos por Hipócrates (século V a. C) e Galeno (século II d.C). O modelo humoral era baseado no equilíbrio dos fluidos corporais, principalmente como o sangue, a bÍlis (amarela), a fleuma e a melancolia (bÍlis escura). Assim, o corpo era composto pelo que é quente (respectivo ao sangue), úmido (relativo à fleuma), seco (relacionado à bÍlis amarela) e frio (isto é, a bÍlis escura).

Deste modo, um corpo doente, era um corpo com acúmulo ou falta de humores. Por exemplo, um corpo em febre, era explicado por um aumento da fabricação sanguínea (relativo ao quente). Uma alteração do regime alimentar, que não tivesse elementos ricos para a produção sanguínea, era indicado. Assim, seguindo esse raciocínio do equilíbrio dos fluidos, poderia indicar-se o oposto em caso de anemia. Porter e Vigarello¹² apontam que essas idéias também foram assimiladas e reforçadas por outras ligadas a religião, magia e feitiçaria.

Nos séculos XVI e XVII, Deus, na figura da Igreja determinava o que poderia ou não ser feito. O corpo pertencia a Deus e deveria ser sujeito as suas leis, pois este era enunciado e as ordens dadas eram inquestionáveis. Já no século seguinte, o século das luzes, foram pouco a pouco retirando Deus da sua antiga importância e de sua posição. A modernidade nasce quando acontece a descoberta que esse Deus não podia mais ouvir e que não era o único acesso a verdade. Daí em diante a verdade seria produto de um resultado histórico, político e científico². Assim a modernidade, cada vez mais, caracterizar-se-ia pela desvalorização do enunciado, portanto, do ouvir, para a concentração sobre o ato de enunciar, ou seja, da enunciação para o ato de fazer, de construir por si própria, de criar⁶.

De acordo com Porter e Vigarello¹², na Renascença houve algumas revoluções científicas no âmbito da física, da química e da mecânica. As idéias da idade Antiga e Medieval foram sendo questionadas, ocorrendo novas pesquisas na área da medicina também. Surgem fundamentos anatômicos e fisiológicos, por meio de dissecações sistemáticas. As dissecações tornaram-se comuns no início do século XIV, ao final da Idade Média, especialmente na Itália. Essas demonstrações anatômicas ocorriam em eventos públicos, e inicialmente pareciam espetáculos. O professor demonstrava seu saber sobre Galeno, enquanto o assistente mostrava os órgãos e o dissecador cortava a peça anatômica em público. Pintores e escultores, como Leonardo, Miguel Ângelo ou Boticelli, também deixavam eloquentes testemunhos de outros modos de sentir e experienciar o corpo¹.

Porter e Vigarello¹² apontam que o médico chamado Versálio influenciou os estudos sobre anatomia. Sua primeira obra intitulada *De humani corporis fabrica* (Da construção do corpo humano) de 1543, desafia as lições de Galeno por meio de uma observação do corpo mais apurada. Essas idéias podem ter promovido uma mudança de estratégia intelectual no mundo anatômico, possibilitando o questionamento de alguns dos ensinamentos da antiguidade (que não tinham base anatômica coerente) e incentivando a pesquisa. Segundo Porter e Vigarello¹², muitos estudiosos reconheceram essa estratégia e houve desenvolvimento de suas técnicas, assim como o aprofundamento do conhecimento sobre os sistemas do corpo humano. Importante salientar que no início das investigações anatômicas já havia uma relação com a fisiologia. No final do século XVI, o modelo de pesquisa de Versálio ainda era dominante. Apesar disso, nesse período, ainda prevalecia uma prática médica baseada nos humores corporais.

O corpo tem sido representado de diversas formas, no século XVII foi pensado como uma dimensão que reencontramos hoje a forma também dupla de ser o corpo das artes do corpo, ou o corpo assumido e vivido como arte e que em muitos casos, ganha preponderância o corpo-objeto¹. Porter e Vigarello¹² apontam que, no século XVII, o microscópio foi aperfeiçoado por Antoni van Leeuwenhoek e Robert Hooke. Houve avanços principalmente nas ciências físicas. A filosofia mecanicista se contrapõe à idéias que permeavam o corpo sobre ordem cósmicas. Aquela filosofia tem como referencial o funcionamento de rodas dentadas, polias, relógios, buscando o entendimento da força, rupturas e

choques para suas explicações. A hidráulica era predominante. Essas idéias mecanicistas foram inseridas no modo de investigação do corpo e seu funcionamento. Muitos estudiosos iatrofísicos, que se referem aos doutores das leis físicas que as aplicavam nas operações do corpo, fizeram novas investigações, tais como sobre os músculos, as secreções das glândulas, a respiração, a ação do coração e os nervos^{12 13}. Desta forma, a compreensão das funções do corpo por meio das leis da física foi evidente nesse período, o qual era entendido como um conjunto de movimentos químico-mecânicos, cujos princípios seriam puramente mecânicos.

Por outro lado com esses avanços mecânicos, tem-se também um corpo reescrito, caracterizado por sua “subjetividade lixo”, afirma Le Breton⁸, esse corpo que vive numa época em que a pele, a carne, é capaz de manifestar o que é mais profundo no indivíduo, e pode exprimir o que é esse sujeito. Assim, abre-se um espaço para a utilização das tecnologias, para uma reconstrução de uma máquina corporal, que seria considerada defeituosa por natureza, mas poderia ser aperfeiçoada pelo progresso tecnológico¹.

A iatroquímica, a qual remete-se a utilização das leis químicas na compreensão das operações do corpo, começou a desenvolver-se^{12 13}. Um exemplo é Sylvius que estudava a digestão e seus processos de fermentação. Porter e Vigarello¹² indicam que essas idéias da física e da química auxiliaram a medicina na compreensão de processos corporais, encontrando resultados bem sucedidos, mas também alguns fracassos. No século XVIII as pesquisas de anatomia geral e o estudo de órgãos individuais continuaram influenciadas tanto pelas idéias de Versálio, que costumava questionar e averiguar as idéias antigas, quanto pelas idéias iatrofísicas e iatroquímicas. Novas invenções auxiliaram o modelo mecânico de se estudar o corpo, tais como seringas, válvulas e foles.

Segundo Porter e Vigarello¹² havia estudiosos que combinavam as idéias humorais com as mecânicas. Neste período a alma não era negada, entretanto, também não era incluída nos estudos que exigiam métodos tangíveis. Isto é, não consideravam importante um estudo sobre a essência da vida ou essência da alma imaterial. Indicavam esse tipo de estudo aos padres e metafísicos, apontando que a medicina deveria pesquisar as causas secundárias, não as primárias. Portanto, a medicina do século XVIII pesquisava predominantemente o “como”, mas não o “por quê” ou o “para quê”.

Passou-se a pesquisar o corpo por meio de medidas. Além disso, começaram a construir

instrumentos para mensurar umidade, temperatura e o ritmo do pulso. De acordo com Porter e Vigarello¹² essas idéias mecanicistas também foram combatidas. O principal argumento era de que as ações humanas possuem finalidade, e não poderiam ser explicadas *somente* pelas reações mecânicas. Essa idéia levanta questões sobre as propriedades da vida, tais como a presença da alma. Georg Ernest Stahl afirma que a alma seria o elemento que regularia a fisiologia, podendo proteger contra a doença. Assim, o corpo seria guiado por uma alma imortal e os distúrbios corporais seriam provocados por algum mal sofrido pela alma. A capacidade de alguns animais se regenerarem também era um argumento que contrapunha as idéias mecânicas, pois indicava que nas propriedades da vida havia algo a mais a ser compreendido além de regras de funcionamento como de um relógio.

Porter e Vigarello¹² salientam que muitas foram as pesquisas experimentais nessa época, devido ao questionamento sobre a natureza da vida. Tais como estudos sobre a digestão, que envolviam idéias sobre a química e de atividades mecânicas; sobre a respiração, explicando as passagens dos gases pelos pulmões, indicando a importância do oxigênio na mesma (estudos de Lavoisier); estudos com eletricidade, a qual julgavam estar ligada à força vital; teorias sobre a reprodução humana que passavam a considerar como papel central o óvulo feminino na geração de um ser – que anteriormente acreditavam que o indivíduo já estava desenvolvido, mas em miniatura. No século XIX a embriologia toma grande importância com suas explicações sobre o desenvolvimento humano.

Porter e Vigarello¹² ressaltam que durante o século XVIII ocorreram exaustivos estudos de casos empíricos, principalmente na Inglaterra. Nessa época, muitos estudos foram direcionados a identificar o perfil das doenças. Em 1778 foi fundada a Sociedade Médica, que possibilitou a troca de informações, e as novidades eram difundidas pelo jornalismo médico, o qual nascera na mesma época. Programas de pesquisas epidemiológicas foram constituídos no século XIX.

Apesar dessas observações valiosas, Porter e Vigarello¹² salientam que os avanços sobre a verdadeira causa das doenças eram controversos. Atribuía-se como principais causas a constituição física de má qualidade, falta de higiene, exageros no estilo de vida. Tentavam explicar o contágio de doenças por meio da teoria antiga de miasmas, a qual supunha que a doença se difundia por meio de emanções do ambiente. Nesse período, esperavam classificar as doenças nosologicamente influenciados pelas idéias da

botânica, zoologia e de história natural. Essa idéia de ter uma taxionomia das doenças indicava uma tentativa também de torná-las entidades reais, com leis naturais. Além disso, a anatomia patológica também ganha espaço, principalmente com novas publicações em busca das causas das doenças. O objetivo desses autores era de indicar as correspondências anatômicas para os sintomas. Isto é, apontar quais eram as alterações orgânicas que originavam determinadas manifestações de doenças. Morgagni publica pesquisas nessas áreas, centrado-se nas causas relacionadas aos órgãos. Xavier Bichat pesquisa as modificações histológicas em algumas doenças, dando atenção as diferenças dos tecidos de várias partes do corpo.

De modo geral, pudemos notar que predominou no entendimento do corpo na medicina a separação deste da subjetividade humana, isto é, o plano da divisão em Descartes – tratando-se da substância extensa. Segundo De Marco et. al.¹⁴ esta distinção cartesiana entre corpo e alma poderia ter influenciado na construção do modelo biomédico, um modelo de entendimento do adoecimento pautado na exclusão do psíquico, do subjetivo, isto é, que considera apenas o corpo na causa de doenças.

Portanto, resumidamente, podemos considerar as afirmações de Prizkyulnik¹⁵ de que a prática médica era considerada classificatória, de forma que as doenças recebiam uma organização hierarquizada em famílias, gêneros e espécies até antes do século XIX. É a partir deste século que a medicina se constitui em um caráter clínico, pois passa a associar lesões dos órgãos definidas a determinados grupos de sintomas. Assim, neste período a anatomia é um dos grandes focos da clínica médica para a compreensão do sintoma, ou seja, a vigência é do método anátomo-clínico. Com isso, os estudos de fisiologia também avançam nessa busca das causas das doenças. Por meio desses novos subsídios a clínica médica consegue se estruturar de forma objetiva, racional, homogênea, quantitativa. Por este prisma a compreensão das doenças dá-se apenas através do corpo, do físico, separando subjetividade deste processo. Isto é, o processo de se entender o corpo separadamente da alma, indicou-nos um distanciamento do sujeito, ou melhor, a destituição do sujeito enquanto ser corpo-alma. O corpo objeto do modelo biomédico, não buscava o sentido de um sintoma, por exemplo. É o corpo passível de ser cortado, furado, medicado. É esta idéia predominante de corpo como objeto epistemológico, que destituiu a subjetividade do processo de adoecimento, indicando que as causas das doenças são encontradas apenas em processos físicos

e químicos, indicando assim, o método anátomo-clínico como o preponderante.

Talvez, se há esse corpo distanciado da subjetividade e como apontado por Le Breton⁸ que se pode demarcar no corpo um objeto, então, não teríamos um corpo-sujeito-objeto. Mas um corpo objeto, epistemologicamente separado do sujeito, isto é, um corpo destituído de subjetividade. Este corpo, não era entendido como local de expressão da subjetividade. Ateremos-nos a seguir a que tipo de expressão, portanto, poderia estar inscrito num corpo destituído de subjetividade? E a arte? Seria um caminho, que talvez, traria uma nova inscrição deste corpo? E que tipo de inscrição seria essa? E já que segundo esse corpo articulado e constituído também na arte, símbolo do outro.

Assim, escolhemos também dar indicações das artes do corpo, para buscar entender por um novo prisma o distanciamento da subjetividade, a demarcação desse corpo objeto, tanto visto nas ciências quanto parece estar presente também nas artes. Deste modo, esse corpo é visto na própria forma de construção humana, a qual se demarcaria aquele corpo como corpo-sujeito-objeto de acordo com Le Breton⁸ “[...] acessório da presença, uma matéria-prima.”

Para refletir sobre essa relação entre os parâmetros que norteiam e reconhecem o corpo, é importante observar se essa lei é dissociada do corpo vivido e constituído numa separação epistemológica entre sujeito e objeto ou entre o corpo vivido e corpo científico que pode ser visualizado em diferentes discursos como o jurídico, social ou científico, por exemplo, que são discursos do outro em um discurso articulado e constituído. Desta forma, a inscrição do corpo pode ser vista pelo símbolo do outro, assim como a própria arte do corpo pode ser expressão de individualismo.

3.3 A expressão artística no corpo: expressão social do individualismo

As “artes do corpo”, segundo André¹, são referidas como as artes que trabalham o próprio corpo e das quais este não é senão um objeto. Essas artes tem um significado interno, subjetivo. Este termo pode ter duplo sentido e pode também referir-se as artes de que o corpo é sujeito criador, e que teria um outro significado que seria o corpo como arte. Nesse momento exploramos a questão das artes do corpo como a maneira que se expressa no próprio corpo.

Não só no método anátomo-clínico o corpo é tratado como objeto, mas esse distanciamento do subjetivo também é postulado nas artes em que o corpo é assinalado, que se inscreve na pele. Por exemplo, na utilização de *piercings*, tatuagens insere-se uma imagem única, uma memória corporal, que guarda em si uma história e em uma *bricolage* atesta vivências, ritos e passagens íntimas, como em um espetáculo que o próprio corpo é o primeiro espectador em um quadro de relação objetual¹. Entretanto, ao mesmo tempo em que guarda uma história inscrita nesse corpo, essa história apesar de simbólica, de poder ser entendida como subjetividade, é uma história que visa distanciar o sujeito de si por meio da dor. Um sujeito voltado apenas para a expressão do individualismo.

Esse distanciamento e divisão do corpo em partes ou funções, não são suficientes para o entendimento do corpo, segundo o argumento de Merleau-Ponty, que vai além e afirma que toda técnica de corpo amplia a metafísica da carne, é significativo para redimensionarmos nossa visão do corpo. Nesse sentido, "é necessário reencontrar o corpo operante e atual, aquele que não é um pedaço de espaço, um feixe de funções, que é um entrançado de visão e movimento" (Merleau-Ponty¹⁶, p.19).

Deste modo, como mencionado anteriormente, quando o homem passa a ser centralizador da verdade, o corpo passa a ser um objeto de construção pessoal, manipulável, suscetível a transformações e aplicação de "artes do corpo". Essa relação com o corpo-objeto passa a ser encenado e cenografado, podendo ser transformado em um espetáculo, onde o próprio homem passa a assumir o corpo-criador- em criação, em que sua identidade é inacabada¹.

Se antes do modelo biomédico o corpo era a encarnação da identidade da pessoa, hoje ele é um local de restauração permanente, e as artes aplicam-se por todo corpo, o sujeito assume-se enquanto *bricoleurs*, que reinventam e até de forma artesanal modificam o próprio corpo⁷.

Assim como no campo das ciências o corpo torna-se uma espécie de prótese e local de uma encarnação provisória, nas artes do corpo, essa projeção também pode ser evidenciada, e para, além disso, uma maneira do sujeito mostrar sua interioridade por meio da superfície. Um exemplo é a transmutação de partes do corpo, como implantes e de forma conjunta um distanciamento do subjetivo, que é indispensável para essa metamorfose, que se opera pelas mãos de um terceiro que terá uma relação técnica sobre o corpo, irá estabelecer uma relação instrumental. Nesse

sentido, não se sabe se no fundo o corpo é arte ou se é usado, se é um mero produto das artes, que, nesse caso, melhor recebem o nome de técnica que o nome de arte¹. Dessa maneira, vemos uma destituição do sujeito, onde a própria expressão artística pode indicar um distanciamento da subjetividade, ou talvez uma expressão do individualismo.

"Num mundo de incertezas, constrói pedra a pedra uma espécie de abrigo que lhe permite continuar senhor de si, ou quando muito produzir a ilusão sincera de ser, enfim, ele próprio. Assume o seu corpo como uma segunda pele, um supercorpo, uma carroçaria protetora com o qual se sente finalmente confortável"⁷. Com isso, podemos destacar a forma como esse corpo vem a ser usado como destaque do individualismo.

E esse corpo que também se torna produto, tomado pela indústria como instrumento que se propaga em torno de imagens que servem a significados sociais, e "representam, em bruto, as sinuosidades cortantes, as astúcias perfuradoras, os giros incisores que são necessários e produzidos para a penetração no corpo. São os números de um saber experimental conquistado pela dor dos corpos que se vão transformando em gravuras e mapas dessas conquistas. De todos esses instrumentos, heróis imputrescíveis, as carnes dilaceradas ou aumentadas, decompostas ou recompostas, narram as façanhas."⁶ (p. 237-8). Assim, esse corpo produto da indústria pode significar uma expressão do individualismo. Entretanto, se há um individualismo, voltado ao corpo como produto, poderíamos pensar que a subjetividade individualista, voltada ao próprio corpo, expressando a si no próprio corpo e também na sociedade. Parece ser necessário colocar-se para fora de si para tornar-se sim mesmo. A exterioridade multiplica-se e sobrecarrega de significado a presença no mundo, por meio de um corpo que representa uma identidade efêmera, que se pronuncia diante de um momento social⁷.

Segundo Duarte¹⁷, o corpo, que poderia ser a qualquer instante preparado de acordo com as demandas sociais ou as demandas pessoais do momento, pode ser alterado, juntamente com seu eu, de forma a sustentar as ambições modernas. Nesse sentido, muda-se o corpo para mudar o eu e de alguma forma o rumo da vida. Assim, esse corpo fragmentado assume ainda mais justificativa para ser manipulado.

Portanto, nas artes do corpo, como o corpo na ciência torna-se uma questão de perceber se esse corpo está referindo-se a um corpo-sujeito ou um

corpo – objeto, a um corpo- vivido ou a um corpo-manipulado, a um corpo que sente, se sente e é sentido ou a um corpo meramente representado¹.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O corpo na medicina biomédica apresenta-se em um distanciamento do subjetivo. O método anátomo-clínico tem apenas no corpo- cindido da subjetividade-as causas para um sintoma, por exemplo. Em outras palavras é como se o corpo não possuísse sentido já que a doença, seria transcrita em causas fisiológicas-químicas. É um corpo de forças e leis mecânicas, capaz de ser investigado por meio de instrumentos.

Dentro desse mesmo contexto, podemos destacar também as artes do corpo, ou no corpo. No entanto, cabe-nos interrogar se é uma arte de corpo-sujeito-objeto ou poderia ser expressão de um corpo objeto? As expressões inscritas no corpo seriam uma reprodução de se entender o mesmo como um objeto a ser cortado, marcado com instrumentos? Ou seria, ainda, um sinal de que neste corpo há o subjetivo? Um corpo simbólico, isto é, capaz de representar algo. Por outro lado, se é um corpo simbólico sendo destruído cortado/furado/, ele é concretamente dominado, e, portanto, uma idéia de exclusão da linguagem deste corpo?

Assim, o corpo parece circunscrever um espaço próprio, tanto no corte individualista ou até mesmo de certa forma instrumentalista tanto na visão clínica quanto nas artes. Podendo ter análises combinatórias de elementos que são intercambiáveis e que agenciam a imagem do corpo. O corpo que se fabrica passando pela termodinâmica até a cibernética do século XX.

Agradecimentos

Aos professores Dr. Luis Umbelino e Dr. Rui Gomes pelas indicações e apontamentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. André JM. As artes do corpo e o corpo como arte. In: Cardoso A, Justo J M (Org.) Sujeito e passividade. Lisboa: Edições Colibri; 2003.p. 301-20.
2. Le Breton D. Anthropologie du corps et modernité. Paris: PUF; 1990.
3. Le Breton D. La chair à vif. Usages médicaux et mondains du corps humain. Paris: Métailié; 1993.
4. Le Breton D. Síndrome de Frankenstein. In: Sant'Anna DB (Org.), Políticas do corpo. São Paulo: Estação Liberdade; 1995. p.49-67.
5. Sant'Anna DB. Corpo e história. Cadernos de Subjetividade 1995; 3(2):243-66.
6. Certeau M. A invenção do cotidiano. Petrópolis: Vozes; 1996.
7. Le Breton D. O corpo enquanto acessório da presença. Notas sobre a obsolescência do homem. In: Marcos ML, e Cascais AF (orgs.). Revista de Comunicação e Linguagens – Corpo, Técnica,

- Subjectividades. nº 33. Lisboa: Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens CECL; 2004. p.67-81.
8. Le Breton D. Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade. Tradução Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus; 2008. p.240.
9. Baudrillard J. A Sociedade de consumo. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.
10. Bendassolli PF. From the place of the body to the non-place of the organ donation. *Psicol. Reflex. Crit.* [online] 2000; 13(1):143-57.
11. Fontes JB. O corpo e sua sombra – prefácio. In: Soares, Camen Lucia (Orgs), *Corpo e História*. Campinas, SP: Editora Autores Associados. (Coleção educação contemporânea); 2004.
12. Porter R, Vigarello G. Corpo, saúde e doenças. In: Corbin, Alain; courtine, Jean-Jacques; Vigarello, Georges (org.). *História do Corpo: da renascença às luzes*. Vol. I. Cidadeade: Editora Vozes; 2008.
13. Canguilhem G. O normal e o patológico. 3ª ed. revisada e aumentada. Forense Universitária, Rio de Janeiro;1990.
14. De Marco MA. A face humana da medicina: do modelo biomédico ao modelo biopsicossocial. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2003.
15. Priszkyulnik L. Clínica(s): diagnóstico e tratamento. *Psicol USP* 2000; 11(1):11-28.
16. Merleau- Ponty M. O Olho e o espírito. 2ª ed. Tradução de Luís Manuel Bernardo. Lisboa: Veja; 1997.
17. Duarte BN. Corpo da modernidade: Lugar da condenação e da salvação do indivíduo. *RBSE* 2010, 9(26): 532-79.